

## Conselho das Comunidades Portuguesas

enviado a:

- membros do conselho
- comissão de comunicação
- orgãos de com. social int. e extran.
- leitores
- delegações do CCP

OFÍCIO CIRCULAR Nº 11/85-CCP

Exm<sup>o</sup> Senhor

Não é formalidade este ofício-circular. É um primeiro passo, definindo com quem falamos e para onde, juntos, iremos preparar caminho.

O novo Secretário do Conselho sabe que muitas compridas palavras não servem para cobrir as suadas distâncias a que as comunidades portuguesas, dispersamente, se fixaram. E, querendo do longe fazer perto, confessa, desde já, a sua tripla aposta:

◊ No entendimento a criar

("Uma plataforma de diálogo e um traço de união entre as organizações de portugueses e seus descendentes"),

◊ Na posição anti-burocrática que vai assumir

("As soluções para os problemas da emigração estão em Portugal e não nos países onde se encontram portugueses"),

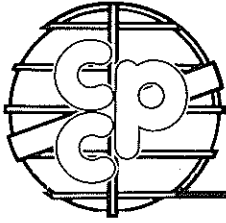
◊ No propósito de se negar à criação de impasses e desgastes fora do quadro das regras do jogo

("Disculem alguns a árvore sem ver a floresta")

"A nossa força somos todos nós").

As apostas não são promessas.

Às promessas há quem as quebre; às apostas, há que saber ganhá-las. E só se ganha quando se não desiste do que se pode fazer.



2.

Neste período de eleições para escolha institucional dos delegados ao Conselho de Novembro/85, a bola está, agora, no vosso campo.

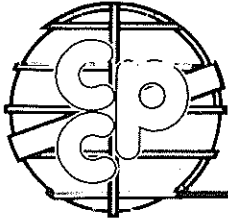
As reuniões preparatórias serão, logo depois, a oportunidade, mais frontal, de dar rosto às palavras e de conhecer a voz das intenções de trabalho.

Entretanto, que este primeiro gesto de saudação aos senhores conselheiros seja entendido como mensagem de outro irmão português a todos aqueles que teimam no direito de serem portugueses em qualquer parte do mundo, ou de serem emigrantes dignamente reinseridos em qualquer lugar de Portugal.

"Portugal é a imagem que vemos ao espelho, todos os dias de manhã" - no dizer, aqui transcrito, de uma das nossas associações.

As recomendações a apresentar em sede própria não são feitas só de reivindicações, mas de projectos partilhados. E a mobilização só é possível quando haja quem os formule e quem os deseje.

O Forum do Conselho, como necessária, indispensável e legítima organização mundial das comunidades portuguesas, aguarda em tempo útil, a presença e as intervenções dos senhores conselheiros.



Conselho das Comunidades Portuguesas

---

3.

Neste empenho, estamos todos no mesmo barco.

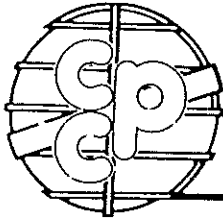
E mesmo se os barcos são mais seguros e mais cómodos quando atracados ao cais, o seu correcto destino é o de meterem a proa à viagem co mum.

Lisboa, 5 de Abril de 1985

O SECRETÁRIO DO CONSELHO DAS COMUNIDADES

(Carlos Lélis)

Em anexo:  
Cópia do discurso  
da tomada de posse



*Conselho das Comunidades Portuguesas*

---

DISCURSO DE POSSE DO

SECRETÁRIO DO CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

Senhora Secretária de Estado da Emigração, em delegação do Senhor Ministro,

Quadros superiores do Ministério dos Negócios Estrangeiros,

Senhores Deputados à Assembleia da República,

Senhores Emigrantes (ausentes desta cerimónia, mas referenciados aqui, como meus destinatários e interlocutores preferenciais),

Colégas da equipa de trabalho e de caminho,

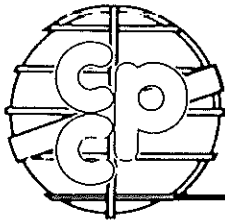
Senhores jornalistas,

Amigos (alguns), que quiseram acompanhar-me nesta linha de partida:

O exercício do poder exige rituais.

E a cerimónia de agora será mais uma obediência aos valores dessa liturgia que põe, também, as suas razões no grande e abusado exorcismo da palavra.

Mas a única interessante imagem-de-marca do exercício do poder não será, por certo, esta, - nem as eventuais, ou conhecidas, misturas de autoridade e de hierarquia quase inquietantes. É, sim, a oportunidade quase lúcida de, estatutariamente, poder fazer.



## Conselho das Comunidades Portuguesas

---

1.

Reconheço em mim pendor ou perfil executivo. A reflexão, necessária, é um fruto maduro; a acção dela resultante, ou esperada, tem de ser pronta, imediata, à sua escala, - ou, então, a própria árvore cairá de podre, sem sequer dar os proventos da sua sombra aos que não vivem só do Sol.

Assim, quando um convite nos chega com horizontes rasgados sobre cinco continentes, a hesitação faz as malas para outro planeta ...

Se a confissão lava os pecados, saibam todos que esse entusiasmo de arranque foi coisa, porém, de pouca dura.

É que, após o telefonema de sondagem, fui, com o juízo na retanca, beber em sede própria, ao Dec. Lei, o espaço de manobra que era conferido ao Conselho das Comunidades Portuguesas.

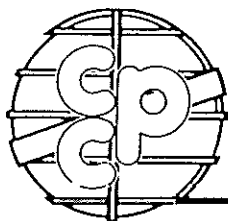
E, em verdade, em verdade lhes digo, que o documento não respondia ao peso dos mais de três milhões de portugueses não residentes no País e que, era pacífico, teriam de estar cabimentados (mais do que contemplados), por esse meio, no Diário da República.

Honra seja feita a quem de direito: a Senhora Secretária de Estado sacudiu, honradamente, não as nossas objecções, mas o nosso sentimento, ou pressentimento, de causa perdida.

Os nossos reparos, nascidos de alguma experiência (de certo modo, fui também emigrante) foram julgados como ajustadas sobreposições ao que o seu Gabinete, de há muito (desde 80), vinha pondo em causa e, muito limpa-mente, era tornado público, notório e reclamado a nível oficial das instâncias da causa.

O Dec. Lei do Conselho das Comunidades, em cujo âmbito de articulado se processa a minha nomeação a esta data, se não tem vícios de forma, peca de outros males não menos viciosos.

É preciso dar-lhe volta, ao texto e à letra, alterar o enquadramento dos intervenientes, conceder estatutos definidos, superar quesélias de quem é quem, tornar claras as convergências de actuação, furar os compartimentos estanques das importâncias pessoais ou de terceiros.



Sob o signo da mudança (e trago a memória da palavra da Senhora Secretária de Estado), o Conselho das Comunidades Portuguesas deverá assumir-se como a Assembleia das Comunidades Portuguesas; e, com a intervenção empenhada dos Deputados à Assembleia da República pelo círculo da Emigração, ser como uma Provedoria, ou Procuradoria, da Justiça para os Emigrantes.

Aos processos levantados nesse forum, uma Comissão Permanente Executiva, dará andamento, em disposições de combate, pela Seca e Meca da pesada máquina estatal das mil e uma portas por abrir.

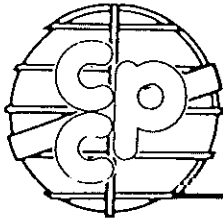
Não que seja preciso conseguir sempre deferimento aos pedidos e reclamações. Os problemas não se resolvem ao gosto e interesses de freguês. Uma das formas de um Governo democrático se negar é dizer sempre que sim.

O Governo não é uma entidade prestadora de serviços, mas um gestor de bens e de recursos humanos - a acção governativa, sabe-se, não pode, eleiçoeiramente, entrar em saldos.

Mas o certo é que, mas o triste é que, como escreve Magalhães Godinho, "a institucionalização tem esbarrado com a incompreensão generalizada destes problemas (leia-se: da emigração) em especial na classe política" (...), com verificada "impossibilidade de vencer as barreiras burocráticas que separam serviços de Ministérios ou Direcções-Gerais diferentes, a fim de concertar esforços" (fim de citação).

O meu próprio depoimento, como testemunho ou como testemunha, é o de quem viveu, ontem, terrenos do Governo e bastidores ministeriais, - e se prepara, hoje, nesta tomada de posse, para trabalho de campo, dentro e fora dos papeis de Gabinete:

Na Função Pública, há quem faça da própria inércia a sua nafta linha de conservação do lugar. Conseguem alguns escapar à traça. Mas (o tempo é de mudança) não se libertam do cheiro defensivo que está a denunciá-los, quando já as letras gordas dos jornais (edição da tarde, 28-3-85), a quatro colunas, dizem que "a burocracia pode, também ser crime".



3.

Seria pouco etico da minha parte, abordar, aqui e agora, problemas da emigração e das comunidades, sem o tempo de receber, da Senhora Secretária de Estado, as coordenadas de actuação, as políticas a desencadear, as estratégias a cumprir, as componentes de incerteza a vencer, os cenários alternativos a compor.

Seria, no entanto, mentiroso, da minha outra parte, referir o "obrigado e a honra", sem que deixasse transparecer que a minha raiva é entusiasmo - esquecendo, por momentos, os "dossiers" ainda por conhecer e para es tudo.

Creio haver coerência no meu percurso até esta aceitação. Creio. Mas não vou vender-lhes a história da minha vida, neste fim de manhã, a horas de intervalo e não de ver e ouvir.

Que se não fale, porém, de lugar certo para o homem certo - o que seria convencional avançar, mesmo com o benefício da dúvida.

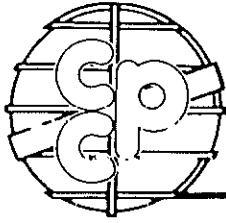
Que se não adiante, também, a meu respeito, o escalão do princípio de Peter - olhem que as apressadas as pragas, como as procissões, regressam ao adro.

Os gregos afirmavam terem as coisas um lugar natural.

Neste natural me fico, substituindo a palavra coisa pela pe  
soa que sou.

Julgo que a operação Comunidades é, além de investimento, uma operação barómetro da nossa portugalidade que terá sido, aliás, sempre mais re  
partida do que imperial.

Queira Deus que o barómetro em causa venha a anunciar-nos bom tempo .... a curto, médio e longo prazo.



É que, no reino das confusões da tão mal defendida interculturalidade do país de origem e do país receptor, Portugal pesca de anzol e o meio de acolhimento pesca de rede, - e as perdas são de gente e não de cardumes.

Ao contrário da Europa (sempre a Europa ...), na América do Norte, no Canadá, na União Sul-Africana, na Venezuela, os nossos emigrantes estão entre capitães-da-indústria, influentes da opinião pública, potentados, empresários, a quem pedir ajuda.

Não semeemos, lá por fora, ou maus ou descuidados ventos, pois já temos, no rectângulo, tempestades que cheguem.

E quando bradamos que não há produtividade interna, e quando soletramos outros males, lembremos que, em outras áreas, muitos irmãos portugueses, documentados ou idos a salto, são talvez únicos em saber dar novo sentido à Saudade que não largam: fazem dela a força de um povo e não uma recordação de medalhas; dão-lhe nova direcção obrigatória, viram-na para o futuro melhor que para si mesmo constroem.

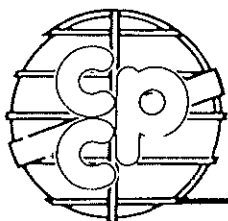
Do Governo, os emigrantes só esperam o que não podem resolver sozinhos.

E seria patético (uso o eufemismo) que, por exemplo, recusássemos às Comunidades Portuguesas, por falta de apoio, a sua afirmação de vínculo à língua-mãe, - quando novos Estados, já sem imposições de colonização, optam pelo Português como expressão oficial da sua presença no concerto das Nações.

Seria um erro, - a juntar a tantos outros que nos fazem parecer mais pequenos do que o nosso próprio e real tamanho de País transcontinental.

Embora preferindo o improvisado livre (de que, algumas vezes fui capaz), rascunhei o suporte destas linhas, na boa intenção de "mais certamen-





le falar".

E, afinal, deixei escapar, ao correr da escrita e da fala, dei xei escapar um descosido entusiasmo que açambarcou minutos para além da circunstância.

Perdoarão, talvez, no entanto, se eu lhes recordar que sentir entusiasmo, na sua formação, significa, mais ou menos, estar possuído de Deus

E isso, não mo podem negar, é mesmo bom (não é?) para quem nes ta data, em horário nobre deste Ministério de carreiras tão bem pautadas, aqui mete ombros à responsabilidade e aceita pôr as mãos à obra.